

DIALÉTICA E INCOMENSURABILIDADE NO GÓRGIAS DE PLATÃO

Fernando Muniz*

A comunicação reflete sobre a dialética socrática na forma como ela é apresentada na conversa de Sócrates com Cálicles no *Górgias* de Platão. A conversa de Sócrates com Cálicles tem sido discutida a partir de uma certa concepção do *elenchos* socrático. Trata-se de saber se houve ou não houve refutação legítima. Se os argumentos são válidos, se Sócrates cometeu alguma falácia. Por mais relevantes que sejam essas questões, indicações textuais precisas apontam para uma outra direção: uma leitura diferente da relação dialética entre Sócrates e Cálicles.

Nessa interpretação, uma nova imagem do *elenchos* é proposta. Nesta imagem, o *elenchos* encontra o seu limite, uma impossibilidade de transpor um obstáculo que se furta ao jogo dialético. Esse outro tipo de confronto nos convida a pensar em uma posição que não se submete à contradição, à refutação. Uma posição marcada pela incomensurabilidade,

* Professor da Universidade Federal Fluminense. munizfernando@openlink.com.br

ou seja, pela irredutibilidade de qualquer termo de uma posição a um termo qualquer de outra, o que torna inviável comunicação entre elas.

O *elenchos* no *Górgias* é visto como uma forma análoga ao teste de genuinidade dos metais conhecido como $\rho\upsilon\theta\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma$ ¹. Palavra que tanto pode significar 'pedra de toque', no sentido original (uma pedra escura de jaspe ou quartzo que serve para testar a pureza dos metais através do efeito produzido pelo atrito entre os dois, como por exemplo, o ouro que, ao deixar na superfície da pedra de toque marcas amarelas revelam o teor da sua pureza), como designa também, num sentido derivado, qualquer prova de verdade², em especial, a 'investigação sob tortura' (conjunto variados de meios dolorosos para se extrair confissão de um escravo; prática comum em Atenas). Sócrates parece explorar esse duplo sentido da *básanos* na prova final da investigação. Em 486e-487a, Cálicles é saudado como um verdadeiro 'presente de Hermes', um $\mu\epsilon\tau\epsilon\sigma\tau\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma$, uma $\rho\upsilon\theta\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma$ que poderia determinar se uma alma "vive ou não como se deve viver". Esta prova se efetiva pelo atrito entre as partes que, como veremos adiante, orientará o sentido do diálogo.

Sócrates vê em Cálicles (486d-488a) a oportunidade para o tensionamento dos discursos para que a verdade sobre "a mais bela de todas as questões" – o que devemos ser, a que atividades e quando devemos dedicar nossa vida – seja revelada. Além da competência

¹ Sobre essa metáfora, v. Dodds (op. cit., ad. loc.): "the touchstone ($\bullet\blacklozenge\uplus\uplus\uplus$ $\bullet\uplus\uplus\uplus$) a kind of black quartz or jasper, was used for assaying samples of gold by rubbing them against the touchstone and comparing the streaks which they left on it". "The vain wish for a touchstone which should reveal the hidden truth about the human character is traditional (*Theog.* 119ff, Eur. *Medea*, 516ff); O Liddell-Scott chama de *tribunal de genuinidade* ("A trial of genuineness"), essa prova de verdade, também conhecida, na sua forma literal como pedra da Lídia

² Como prova da água: Xenofonte, *Econ.* 10.8 (V. Nota 67). O Liddell-Scott afirma que a $\rho\upsilon\theta\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma\tau\epsilon\iota\sigma$ era um método comum em Atenas para extrair confissões de escravos. Particularmente interessante, é a passagem das *Rãs* de Aristófanes, 614-630, em que uma variedade de formas de tortura são referidas; v. Hdt.8.110

Dialética e incomensurabilidade no Górgias de Platão

(μετρησιμότητα) e a benevolência (μετρησιμότητα), ele ostenta a virtude da franqueza (μετρησιμότητα); não se deixa retraindo pelo pudor ou pela vergonha. Traz a palavra franca, sem subterfúgios, sem ardis. Por tudo isso, ele é saudado por Sócrates como uma verdadeira ‘pedra de toque’ (δοκιμασία), a melhor delas, capaz de, ao tocar uma alma de ouro, dizer se ela recebeu ou não a *therapia* conveniente (θεραπεία) e se o seu estado é bom o suficiente.

Sócrates julga, por causa disso, ter encontrado, em Cálicles, o interlocutor adequado para a empresa dialética que tem em mente. Se assistimos, da conversa com *Górgias* à conversa com Polo, ao ‘desnudamento’ progressivo, se bem que parcial, das intenções e dos conceitos, com Cálicles, Sócrates irá além e desnudará, ainda mais, os pensamentos que a retórica esconde, para, com isso, revelar as suas mais inconfessáveis pretensões, retirar, das suas premissas, as mais aberrantes conseqüências. Só um espírito desenvolvido e destemido como o de Cálicles poderia ousar expor o que se esconde atrás das aparentemente boas intenções da retórica.

Ao dizer o que se pensa, mas não se ousa dizer, Cálicles acaba criando a oportunidade para o aparecimento de dois mundos terríveis (ἀμετρησιμότητα), em dois sentidos diferentes, mundos invertidos, revirados de cabeça para baixo, ligados, unicamente, pela sua terrível ambigüidade³: (i) O ideal socrático da ausência de satisfação torna-se, para Cálicles, uma vida terrível (ἀμετρησιμότητα); a conquista de uma felicidade de pedras e cadáveres. (ii) Sócrates, por outro lado, rebate essa

³ Jaegger (op. cit., p.613) refere-se a essa reversão em termos de “transmutação socrática de todos os valores”. A expressão aplica-se, nesse sentido, também à Cálicles.

Fernando Muniz

acusação de necrofilia com a doutrina do corpo/túmulo (♦♦◊◊/♦◊◊◊◊):
o desregramento e a ◊●◊◊◊◊◊♦♦✕✕ são figuras limites da morbidez
intrínseca à vida corporal, esta sim é a vida terrível.

Esses dois mundos invertidos, incomensuráveis, correspondem a dois modos discursivos apresentados na conversa entre Sócrates e Cálicles. Pois, embora o acordo tenha sido, desde o início, firmado, a conversa entre Cálicles e Sócrates não parece tê-lo, de fato, levado a termo. Esse pressuposto parece funcionar mais como um princípio de orientação da dialética que uma possibilidade geral de toda e qualquer discussão. Pois o que demonstra a conversa entre os dois é menos a oportunidade da concordância que o impasse radical. E, se isso é verdadeiro, o *Górgias* revela-se, nesse sentido, o mais aporético dentre os diálogos socráticos: a aporia da inconciliabilidade entre os discursos. Pois, a despeito da aparente benevolência de ambos em conduzir a conversa a um acordo final, não há dialética nesse encontro, mas sim uma divergência radical que não pode ser reduzida ou resolvida. Vê-se, no decorrer da discussão, Cálicles, aos poucos, abandonando-a, transformando-a em um combate entre Sócrates e Sócrates. A finalidade da conversa converte-se naquilo que Sócrates já sutilmente anunciara, segundo o uso que faz da metáfora da pedra de toque, na produção do efeito de verdade pelo atrito. Uma prova de verdade que não exige a assimilação do discurso do outro, nem a conciliação ou a admissão de inconsistência⁴. Exige, apenas, que um terceiro venha a reconhecer tal efeito de verdade, e não que o interlocutor abra mão realmente de suas posições. Há que se reconhecer, portanto,

⁴ Goldschmidt (1988, p. 315), de certa maneira, percebe a ineficácia das intervenções de Sócrates frente a posição de Cálicles. Aparentemente, Sócrates destrói a tese de Cálicles, mas só aparentemente: "Calliclès est bien réduit au silence. Mais ces objections, **détruites** par le raisonnement, le survivent dans la troisième partie de son ame".

Dialética e incomensurabilidade no Górgias de Platão

para uma visão mais abrangente dessa estratégia, a função do leitor na trama do *Górgias*.

Há muitas evidências da irredutibilidade das duas posições. Uma delas encontra-se na declaração de Sócrates, que não deixa dúvidas quanto à hipótese da incomensurabilidade entre os discursos (481 c-d): “Se as pessoas não tivessem certas afecções (□◊❖□□×) comuns (◆□□ ◊◆◊◆□❖), alguns compartilhando uma afecção, outros, outras afecções; se tivéssemos afecções singulares não-partilháveis com os outros (×◊◊□❖■ ◊◊ □×◊ ◊◊●●□×◊◊) não seria nada fácil expor (◊◊■◊◊×❖◊◊□◊×) nossa experiência (□◊❖□◊◊◊) para outrem⁵. Sócrates faz essa declaração tendo em vista a afirmação de Cálicles de que o mundo descrito por Sócrates é um mundo invertido. Essa hipótese que se confirmará, mais tarde, fornece sustentação para a admissão da possibilidade de uma distância intransponível entre os discursos e que essa possibilidade está no cerne da discussão. Fato que se confirma na tentativa socrática de erguer uma ponte sobre esse abismo com a sua tese de uma ‘comunidade afetiva’ que fundamentaria a comunicação⁶.

Na abertura do longo discurso de Cálicles, a incomunicabilidade entre os discursos é retomada, agora, no plano estrito da linguagem, e não das afecções. Sócrates é acusado de, sob o pretexto de buscar a verdade (◆◊◊■ ◊◊●◊◊□◊×◊■ ◊×◆◊◊×■◆◊◊ 482e), falar como um demagogo (◊◊◊◊◊◊◊◊□□×◊◊◊), de bajular às massas, de praticar a *kolakeia*. Na verdade, segundo Cálicles, Sócrates empregou, tanto com

⁵ Alcibiades também se refere a incomunicabilidade de experiências afetivas extremas no *Banq.* 217e 6.

⁶ Dodds (op. cit. ad. loc.): “Communication is possible only on the basis of some community of experience. Socrates is trying to find such common ground in order to make Calicles understand his passion for truth”. Sobre a singularidade das experiências v. tb. *Banq.* 216 a-c.

Fernando Muniz

Górgias quanto com Polo, um mesmo truque “Se o interlocutor tem em mente o sentido convencional, ardidamente, ele, ao questionar, toma, como referência, o sentido natural, e vice-versa” (483a)⁷. As contradições que teriam ocorrido, no caso de Polo e de *Górgias*, foram, na verdade, aparentes; efeitos dessa habilidade trapaceira de Sócrates de jogar com os sentidos duplos dos termos. “É evidente, diz Cálicles, que, segundo a natureza, o pior é sofrer uma injustiça mas, segundo a lei, o pior é cometê-la”.

Cálicles introduz, por meio dessa inversão dos sentidos correntes, uma distância nos planos da conversa a partir de sua genealogia do poder e da linguagem. O que faz girar o eixo da conversa na direção da determinação do sentido das palavras em jogo na discussão. É exatamente aí que falha a tentativa de acordo. A impressão que aqui se tem – e que se confirma com o decorrer do diálogo – é que nenhum acordo ou contradição efetiva poderia vir a se estabelecer entre esses discursos separados pelo abismo criado entre os sentidos das palavras e essas vidas irremediavelmente isoladas por suas afecções singulares.

Do confronto entre essas posições excludentes, só o recurso da pedra de toque pode produzir certas marcas relevantes, e remeter, por meio desse contraste, o discurso socrático, à altura da verdade. E, nesse recurso, é, como dissemos, o leitor que detém a posição determinante. Cabe a ele perguntar em que sentido a estratégia de dissimulação pressuposta na classificação da Retórica, na primeira parte do diálogo, ajuda na

⁷ Em 511a, Cálicles acusa Sócrates de “inverter de todas as maneiras cada um dos discursos”. Essa expressão (•◊□∩.✱∩∩∩× ∩⊙&∩∩∩∩∩∩ ∩◊∩∩∩∩× ◊◊∩∩∩∩× ◊◊∩∩∩∩× ∩∩∩∩∩∩∩∩ ◊◊∩∩∩∩∩∩ ◊◊∩∩∩∩∩∩) é uma das variantes da fórmula do *Protágoras*. Isso indica, provavelmente, o quanto as duas posições se equivalem no sentido de que cada uma requer a exclusão da outra. Sobre a acusação de que Sócrates faz moverem-se os discursos v. próximo capítulo.

Dialética e incomensurabilidade no Górgias de Platão

compreensão do discurso ‘desnudo’ de Cálicles. Não é nada fácil enquadrá-lo na forma da ilusão e do disfarce. Cálicles parece estar bastante convicto do que pensa e nada interessado em criar armadilhas para o seu interlocutor. Pelo contrário, é ele que, desta vez, acusa Sócrates de falar visando ao prazer das massas com truques hábeis para produzir um efeito fácil. A Retórica desnudada mostra-se, apenas, como uma unidade homogênea do apetite somada à lei de maximização e proliferação. Mas, se essa unidade já não define os ramos da *kolakeia*, revela, entretanto, o que subjaz a qualquer um deles.

Em 513 c-d, Sócrates, finalmente, explica, a partir do que se desenvolve a falha que destrói a possibilidade de qualquer acordo entre ele e Cálicles: “É porque de dentro de sua alma (ἡ ἐξ ἐμοῦ καὶ ἐκ τῆς ψυχῆς) o amor (ἡ ἀγάπη) de D(d)emo me oferece resistência” (ἡ ἀγάπη τῆς δῆμος ἔχει ἀντικείμενον ὡς ἀπὸ τοῦ ἐμοῦ). Se retomarmos o que Sócrates dissera, no início, sobre a necessidade da existência das afecções comuns, a explicação começa a fazer sentido. A sutileza dessa passagem faz com que, exatamente onde Sócrates buscava encontrar a ponte entre os mundos singulares, encontremos a mais firme resistência. A manutenção da ambigüidade da expressão “ἡ ἀγάπη τῆς δῆμος ἔχει ἀντικείμενον ὡς ἀπὸ τοῦ ἐμοῦ”, em 513d, “o amor do (D)demo”, ganha, nessa interpretação, uma justificativa plausível. A maioria das traduções, insensível ao trocadilho do texto, reduz os sentidos da frase⁸ porém, pelo menos, duas razões justificam a manutenção dessa ambigüidade; em primeiro lugar, por uma razão textual, em todas as outras

⁸A maioria das traduções perdem de vista esse dado: M. Canto (op. cit.): “L’amour du Démos, l’amour du peuple d’Athènes”. Dodds (op. cit.): “Socrates’ fear that love of the **dēmos** - which is in fact love of power...”; Zeyl (op. cit.): “It’s love for the people”...

Fernando Muniz

referências anteriores, os complementos elucidam e diferenciam o filho de Pirilampo do povo de Atenas; em segundo lugar, por uma razão de conteúdo, pois parece evidente, como a interpretação da passagem demonstra, que o autor preferiu explorar os dois sentidos da palavra para marcar a unidade da resistência do apetite ao seu discurso⁹.

⁹ A ambigüidade da frase (ἄρτος ἐπιθυμῶν ἢ ἄρτος ἐπιθυμῶν) é evitada em todas as outras ocorrências:
513a: ἄρτος ἐπιθυμῶν ἢ ἄρτος ἐπιθυμῶν;
481d: ἄρτος ἐπιθυμῶν ἢ ἄρτος ἐπιθυμῶν;
481e: ἄρτος ἐπιθυμῶν ἢ ἄρτος ἐπιθυμῶν;